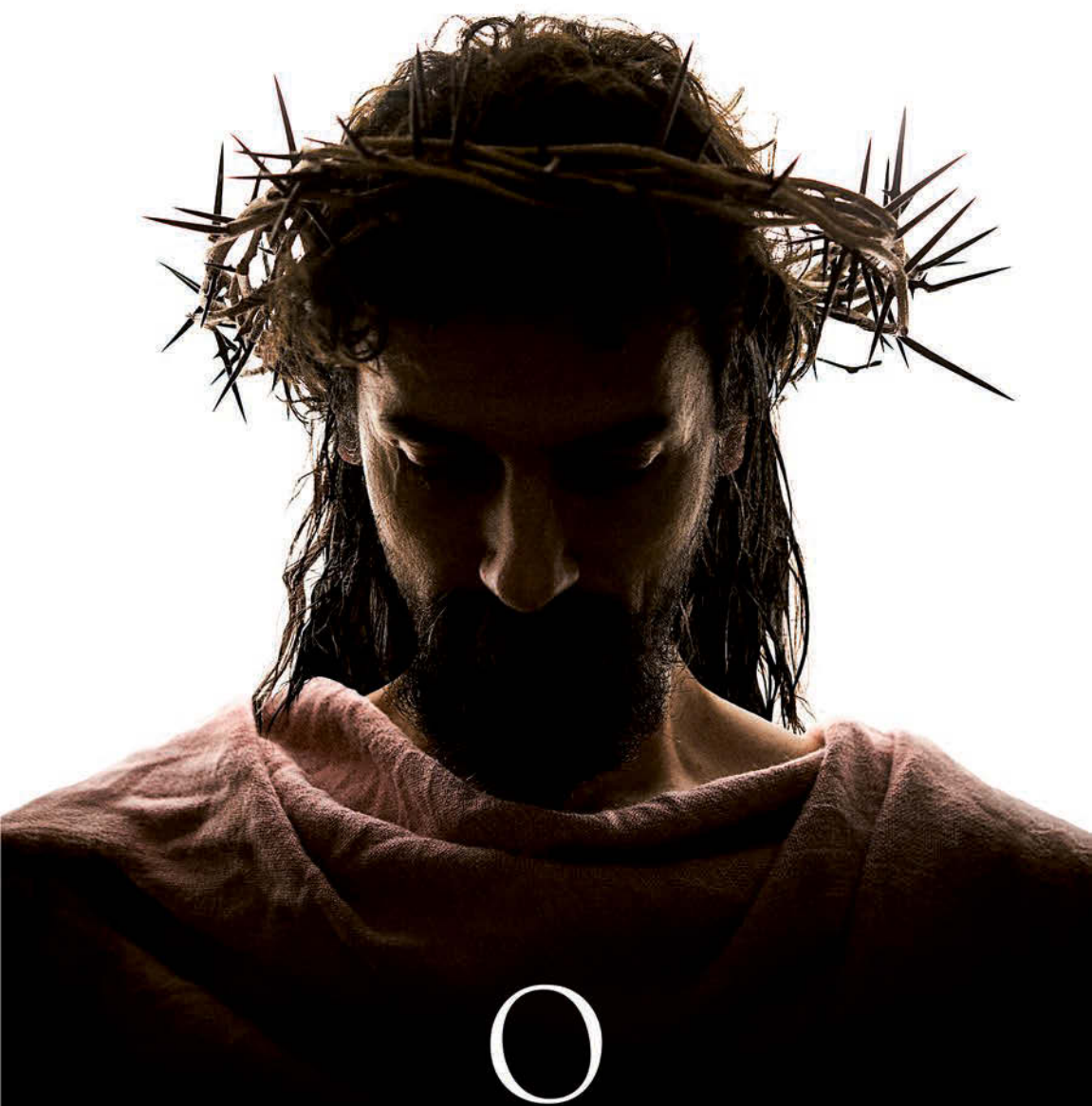


JOSÉ MARÍA ZAVALA



O
PROFETA

*À Paloma, companheira de altos voos
e fiel inspiradora dos meus anseios literários*

ÍNDICE

Prólogo: o túmulo vazio	11
-----------------------------------	----

PRIMEIRA PARTE

1. O floresta da morte	15
2. Vingança	19
3. A armadilha	25
4. Roma não paga a traidores	29
5. A prisão	33
6. Missão Columba	35
7. As termas	41
8. Superstição	47
9. Flávia	51
10. A tempestade	56
11. Piratas	61
12. O escorpião	70
13. Caleb	75
14. Pilatos	82
15. Séforis	88
16. O festim	91
17. A notícia	94
18. Os demónios	98
19. O circo	102
20. André	108
21. O reencontro	116
22. As bem-aventuranças	123

23. Herodes	128
24. A conversa	133
25. Greco.	137
26. Bandeja de prata	142
27. A estrela.	146
28. Infância e juventude.	151
29. Petronila	158
30. O cofre	162
31. O mar e o sal	168
32. De mortos e fantasmas.	173
33. O teatro	177
34. Rixas	184
35. A verdade.	190
36. O mago	196
37. O litígio.	202
38. Suspeita	206
39. Condenados.	211
40. O pesadelo.	217
41. Lázaro	223
42. O samaritano.	229
43. O filho pródigo	232
44. A jaula	238
45. O amor	243
46. Obediência.	246
47. A <i>bull</i> a.	248
48. A ovelha tresmalhada.	252
49. O templo	257

SEGUNDA PARTE

50. A pedra angular	263
51. O átrio dos gentios.	269
52. Os doze	274
53. O aviso	280
54. Judas	286
55. O caçador	291
56. Betesda	297
57. A última ceia	300
58. A recompensa.	303
59. As duas espadas	309
60. A busca	314
61. O sonho.	319
62. Sangue, suor e lágrimas	323
63. A orelha cortada.	326
64. O sequestro	331
65. Os abutres	337
66. O canto do galo	342
67. O sádico.	348
68. A armadilha.	354
69. O aguilhão do inferno	361
70. A folha de papiro	364
71. Boneco de feira	368
72. A pantomima.	372
73. Cruzes e túmulos.	378
74. A chacina.	383
75. Apertem as fileiras!.	387
76. As hienas	392
77. Delírio e frenesim	397
78. O cortejo da morte.	401

79. A nova missão	406
80. O cireneu.	410
81. O calvário	415
82. Tito Severo	418
83. O cortejo	422
84. O plano	424
85. A mudança.	428
86. A epopeia.	433
 Epílogo: O resplendor	 439
Agradecimentos.	445
 <i>Dramatis personae</i>	 447
Mapa de Jerusalém no tempo de Jesus.	451
Mapa da Palestina no tempo de Jesus	453
Glossário.	455

PRÓLOGO

O túmulo vazio

Jerusalém, 33 d. C.

— Roubaram o corpo de Jesus!

Maria de Magdala correu, trespassada de pavor, acompanhada pelas outras mulheres piedosas. O corpo de Jesus de Nazaré desaparecera do sepulcro três dias depois de ter sido sepultado.

— O corpo... O corpo não está ali! Jesus não está ali!
— clamava ela, desalentada, enquanto descia a colina a toda a pressa.

Momentos antes, percorrera o mesmo caminho juntamente com Salomé e Maria de Cléofas, cada uma mergulhada na sua dor, em silêncio. A aurora ainda mal despontara quando, chegadas ao túmulo, descobriram que a pedra que o selava fora removida. Tomadas pelo temor, espreitaram o interior e distinguiram, sob o arco, no nicho onde haviam depositado o cadáver depois de o descerem da cruz, o sudário e os panos mortuários enrolados a um canto.

PRIMEIRA PARTE

A floresta da morte

Teutoburgo (Germânia), ano 9 d. C.

Eu, Lúcio Fedro Céler, dou fé de que toda esta história é verdadeira. Como antigo guarda pretoriano de Tibério, participei em batalhas e guerras e matei dezenas de homens. Mas, quando quis salvar o mais importante de todos, não consegui. Em contrapartida, foi ele quem nos salvou a todos. Para dar a conhecer a sua história, devo primeiro contar a minha, e de que modo os nossos destinos convergiram por desígnios imprevistos.

O primeiro morto que vi na vida foi o meu pai. Tinha apenas nove anos quando compreendi que aquele corpo estendido diante de mim como um fardo inútil era o homem que eu adorava. Dele herdei o nome, o porte físico e o pundonor. Costumava compará-lo a Marte, o deus da guerra; vestido com couraça, coroado por um elmo e armado de lança, espada e escudo. Contudo, naquele momento senti-o despojado de todo o seu valor, ali nu, coberto apenas por um lençol e com os pés virados para a entrada da casa, adornada com ramos de cipreste, murta e loureiro para que todos soubessem que ali ocorrera uma morte. Impressionou-me tanto vê-lo assim que jamais consegui apagar aquele rosto da memória.

A minha mãe, Ceres Drusila Paulina, e as escravas prepararam o corpo do meu pai segundo o costume. Lavaram-no

com água quente, fizeram-lhe a barba e depilaram-no antes de o amortalharem e perfumarem. As pálpebras fechadas e cava-das deixavam entrever a ausência dos globos oculares azulados; o nariz fino mantinha-se firme por milagre sobre a sua curvada cana; os lábios conservavam as marcas profundas das suturas grosseiras. Vim mais tarde a saber que, durante a terrível batalha na floresta de Teutoburgo, lhe haviam arrancado os olhos das órbitas com a biqueira da *gladius* e cosido a boca com pontos toscos depois de lhe cortarem a língua.

Velámo-lo durante uma semana inteira, apesar do risco de decomposição do cadáver, receosos de que não estivesse completamente morto e pudesse regressar à vida a qualquer momento. Era um costume muito romano.

Na necrópole, como filho do defunto, coloquei sob a sua língua mutilada um óbolo, tributo obrigatório ao barqueiro Caronte para que o conduzisse pela lagoa Estígia até à entrada do Hades. Depois, o *designator* deu ordem para que o cadáver fosse cremado. Não derramei uma única lágrima enquanto o seu corpo ardia, mas fi-lo quando Névio Sutório Macro, seu chefe na batalha e amigo, se aproximou de mim após o funeral.

Fora ele um dos que transportaram a padiola mortuária adornada com grinaldas e coroas de flores desde a nossa casa até à necrópole. Macro baixou-se para ficar à minha altura e estendeu-me a *gladius* do meu pai, a mesma que empunhara durante mais de trinta anos, desde a sua primeira campanha com o Corpo de Pretorianos contra a temível tribo gaulesa dos Salassos, que habitava o vale superior do rio Dora Baltea. O amigo do meu pai trouxera-a da Germânia para ma entregar. Hoje, essa *gladius* constitui a única recordação que dele conservo, juntamente com a imagem indelével do seu rosto inerte.

Um ano depois, a minha mãe, Ceres, também nos deixou. Foi levada por febres indomáveis, mas sei que, na verdade, morreu de tristeza pela ausência do esposo. Foi então que aquele que me entregara a *gladius* me adotou como filho. Névio Sutório Macro e a sua esposa, Ênia, já tinham uma filha, Flávia, uma criança que fazia honra ao seu nome e me salvou de me afogar na dor. Desde que Macro tomou conta de mim, eu e Flávia fomos educados nas artes, na astronomia, nas línguas, na matemática, na poesia e nas religiões. O meu pai adotivo era um erudito, sempre ávido de conhecimento. Queria compreender o mundo e as suas singularidades. Insistia em que, para dominar o corpo e a espada, era primeiro necessário dominar a mente e o pulso. Isso fez dele um grande estratega e guerreiro.

Assim decorreu a nossa infância, entre jogos e lições de filosofia, literatura e leituras dos escritos gregos e hebraicos. Essa formação intelectual foi decisiva no meu caminho como futuro pretoriano. Faltava, porém, a última etapa: a instrução militar.

Mal completara doze anos, Macro, então prefeito dos *vigiles*, considerou que chegara o momento. Convocou-me ao quartel-general, onde desempenhava as suas funções ao serviço do Império.

Os *vigiles* eram os encarregados de zelar pela segurança dos cidadãos nas perigosas ruelas repletas de termas, tabernas e antros miseráveis. Eu próprio já fora testemunha do seu trabalho em idade muito precoce.

Recordava bem que, quando tinha seis anos, um grande incêndio assolara a cidade de Roma. O próprio imperador Augusto assumiu a organização dos *vigiles*, criando uma brigada composta por mais de três mil homens divididos em sete coortes, sob o comando militar direto do prefeito Névio Sutório Macro.

Ao chegar ao quartel-general, chamou-me a atenção o lema inscrito no frontispício, *ubi dolor, ibi vigiles*, «onde há dor, estão os *vigiles*». Qualquer rapaz da minha idade teria ficado deslumbrado com aquela visita. Dois guardas custodiavam a entrada, envergando uma capa que lhes cobria a cabeça e uma túnica, armados com espada curta. Mal pronunciei o nome do seu chefe, franquearam-me a passagem, e um deles saiu ao meu encontro para me acompanhar até ao gabinete do prefeito, que já me aguardava. Sentado à mesa, Macro exibia atrás de si um belo estandarte que também captou a minha atenção. Ao aperceber-se do meu interesse, tratou de me explicar a sua origem.

— É o *Imago* — respondeu ele, virando-se para o contemplar. — Em Teutoburgo, as três legiões combateram transportando este mesmo estandarte que agora vês. Recordava-nos a todos o imperador por quem lutávamos até à morte e a vontade livre do povo romano, que jurámos preservar a qualquer custo. O teu pai tentou recuperá-lo, e isso custou-lhe a vida.

A mesma imagem deve ter assaltado ambos, porque o silêncio instalou-se.

— A pior derrota de Roma em toda a sua história — acrescentou por fim. — De nada serviu a Augusto que Tibério conquistasse as terras da região setentrional e central entre o Reno e o Elba...

Nessa conversa, Macro abriu-me o coração e contou-me quem fora o meu pai, na batalha e na vida. Através dos olhos do seu irmão de armas, conheci os seus anseios, o seu amor pela família e, acima de tudo, a sua lealdade a Roma. O meu pai dera a vida por nós e pelo povo romano, e eu daria também a minha.

Foi assim que iniciei a minha formação como membro da guarda pretoriana.

Vingança

Entre Roma e a Germânia, anos 15–17 d. C.

Passaram-se três anos desde aquela conversa com Macro até me crescer pelo no peito. Nesse tempo, tivera ocasião mais do que suficiente para me preparar para o ingresso na guarda pretoriana, e era já um rapaz de quinze anos ansioso por pertencer ao corpo mais invejado do exército de Roma.

Durante esse período, Macro não esqueceu a dívida de gratidão que sentia para com o meu pai. Embora fosse o seu superior, entre ambos forjara-se uma amizade inquebrantável. Não haviam sido poucas as vezes em que o seu malogrado amigo lhe salvara a vida, e isso mantivera-os unidos até à morte. Por esse motivo, Macro ignorou o facto de eu ser filho do seu subordinado e colocou-me sob a tutela do seu amigo Lúcio Seio Estrabão, prefeito do Pretório, cargo que ele próprio viria a desempenhar anos mais tarde. Graças a essa intervenção, pude finalmente juntar-me aos pretorianos, não sem antes atravessar um verdadeiro calvário de obstáculos durante o treino.

Dos cinco mil aspirantes desse ano, apenas cento e cinquenta conseguimos ingressar no Corpo. Alcancei o grau de *tiro*, ou recruta, após quatro meses de provas extenuantes que decorriam desde a alvorada até ao anoitecer. Aos escolhidos marcaram-nos logo no primeiro dia, como se fôssemos gado;

com um ferro em brasa ficou gravado na palma da minha mão o sinal dos pretorianos: um P maiúsculo. Esse primeiro dia foi apenas o começo de uma rotina impiedosa.

Na minha memória permanecem especialmente gravados os gritos e os espalhafatos do nosso instrutor durante as intermináveis horas que passámos a formar e a ensaiar o passo militar para exercitar uma disciplina férrea. Quando algum de nós saía da fila, ainda que apenas um pouco, ardia Troia. Esse pequeno erro custava-nos a todos mais uma hora de marchas de um lado para o outro pelo campo de manobras virado para a cidade de Roma, junto ao muro ocidental.

E não era tudo. Todos os dias partíamos dali para efetuar dois tipos de marcha: uma de cinco horas a passo normal, outra de doze. Mas a pior de todas era a que nos obrigavam frequentemente a cumprir a passo acelerado, carregando todo o pesado equipamento regulamentar ao longo de um percurso interminável.

Além da marcha, exigia-se-nos agilidade. Saltávamos também como vigorosos gafanhotos. Tínhamos de estar preparados para transpor qualquer riacho ou obstáculo montanhoso que se interpusesse no campo de batalha, incluindo fossos ou paliçadas erguidos pelo inimigo. Na academia colocavam-nos um cavalo de salto que intimidava muitos, pelo receio de lesarmos a integridade das nossas partes mais íntimas, sobretudo quando nos ordenavam que o transpusessemos de um único salto, montados de pernas abertas, com a *gladius* numa mão e o *pilum* na outra. Mais de um deu meia-volta sem ousar saltá-lo e foi expulso *ipso facto* do Corpo.

Mas nem tudo era agilidade. Também nos instruíam no uso letal das nossas armas. Aprendemos a manejar a *gladius* como se fosse um prolongamento do braço. Treinávamos com espadas

de madeira de salgueiro que pesavam o dobro das verdadeiras, tal como os escudos, para que, quando empunhássemos armas reais, os movimentos fossem muito mais rápidos e eficazes. Sempre que enterrava a ponta da *gladius* ou arremessava o *pilum* contra o tronco grosso fixado ao solo do campo, não conseguia deixar de pensar no assassino do meu pai.

Talvez por isso tenha sido o melhor da minha promoção no uso das armas. Fazia parte da terceira coorte pretoriana, das nove constituídas por Augusto, agora ampliadas para doze pelo prefeito Sejano, cada uma composta por quatrocentos e oitenta homens e uma centena de cavaleiros. Éramos a elite do exército romano. Não só se exigia de nós uma forma física irrepreensível, com exercícios de força, resistência e velocidade; aprendíamos também a controlar os nervos e a suportar qualquer tipo de dor que nos infligissem. A tensão tornava-nos mais duros do que uma tábua de carvalho. A nossa missão principal era velar pela segurança de Tibério, o novo imperador, mas, de vez em quando, desempenhávamos também funções de espionagem.

Embora pudesse ter-me alistado na legião, acabei por me inclinar para a singular dureza e perícia dos pretorianos. Afinal, desde o desastre de Teutoburgo, o imperador Augusto incorporara pretorianos na legião, e bastou-me uma carta de recomendação de Macro, à vista do meu brilhante percurso na academia, para me juntar sem dificuldade, como efetivamente aconteceu.

Naquele tempo, não me assustava a dor nem me preocupava a morte. Também ainda não matara ninguém, mas tinha consciência de que muito em breve o faria. Apesar da minha pouca idade, já atingira um desenvolvimento físico considerável: acima da estatura média, compleição musculada, cabelo comprido e crespo, negro como alcatrão, olhos azuis, tez morena, nariz

ligeiramente aquilino e um sorriso atraente com covinhas, que surgia facilmente, mesmo nas situações mais adversas. A minha mãe dizia sempre que eu era o retrato fiel do meu pai.

E assim, quando me vi envergando o uniforme de pretoriano, de um dia para o outro, senti um impacto e um orgulho impossíveis de descrever. Usava então, na academia, um dos três uniformes de pretoriano, composto por uma túnica de linho de mangas curtas e ampla abertura no pescoço, permitindo a passagem do braço e deixando o ombro descoberto quando necessário. Sobre a túnica levava o *sagum*. E, claro, trazia a *gladius* presa ao *cingulum*.

O momento de pôr à prova tudo o que aprendera não tardou a chegar. Quando o valoroso general germânico Júlio César, filho de Druso, o *Velho*, e sobrinho do imperador Tibério, iniciou as suas campanhas militares na Germânia para vingar a derrota infligida na floresta de Teutoburgo, eu estava pronto para fazer justiça pelas próprias mãos. O desejo de vitória contra um dos exércitos mais temidos do mundo encorajou os germanos, que se lançaram ao ataque contra todas as posições romanas a leste do Reno, incluindo guarnições, acampamentos e cidades inteiras.

Tiveram de passar nada menos do que seis anos desde a humilhação sofrida em Teutoburgo para que um exército romano voltasse a atravessar o Reno. Desta vez, Macro, devido às suas responsabilidades em Roma à frente do corpo dos *vigiles*, não pôde vingar a morte do seu amigo Lúcio Fedro, mas consolava-o saber que eu, o seu filho, ali estaria para o fazer também em seu nome. Participei nessa batalha sete anos depois de o meu pai ter perdido a vida naquelas mesmas terras. Foi a minha pequena vingança pessoal contra os germanos que lhe tiraram a vida.

No meu regresso da campanha na Germânia, três anos mais tarde, Macro mostrava-se ávido por conhecer a minha versão do que acontecera naquele inferno, tão inquieto como um jovem da minha idade. O seu cabelo, já levemente grisalho, escondia zonas de calvície, e a sua corpulência podia agora considerar-se mais uma obesidade burocrática. Talvez a sua destreza física se tivesse deteriorado, pois outrora montava a cavalo e manejava armas como ninguém, mas conservava intacta a sua memória prodigiosa e uma habilidade especial para as línguas latina e grega.

Recebeu-me com um grande banquete, onde pude saborear os mais requintados guisados e beber os vinhos mais delicados. Tudo lhe parecia pouco para agradecer o meu serviço a Roma.

Não tardou a aparecer Flávia. Ouvi os passos apressados aproximarem-se pela galeria. Correu para mim até se lançar ao meu pescoço, como fazia quando éramos crianças. Ergui-a mais de dois palmos acima do chão e rodei com ela nos braços. Sentira mais a sua falta do que alguma vez imaginara ao partir para a Germânia.

— Minha querida Flávia! Quando parti, deixei uma menina e encontro agora uma bela mulher — afirmei, contemplando-a maravilhado.

— Não sejas parvo — gracejou ela, dando-me um soco no peito, duro como rocha. — Não te vou perdoar por me teres deixado sozinha durante três anos.

— Bem, bem... — interveio Macro. — Já tereis tempo para contar as vossas batalhazinhas. Agora preciso de ficar a sós com Lúcio.

Acariciou o queixo de Flávia, e ela respondeu-lhe com um beijo travesso na face.

— Tens de me contar tudo — advertiu-me enquanto se afastava pelo mesmo caminho por onde viera.

Seguimo-la com o olhar, sorridentes, até desaparecer por trás das colunas.

— Estás muito mudado, Lúcio — disse-me Macro, já sentado à mesa do gabinete.

— Estigmas da guerra — assenti.

Ele sorriu com um leve esgar de amargura. Estendi-lhe a mão, e ele aceitou-a enquanto nos dirigíamos ao *triclinium*.

— Vem, senta-te ao meu lado e conta-me a batalha — disse-me.

E assim fiz. Narrei-lhe os pormenores do combate, chegando até a exagerar em alguns momentos. Valia a pena só para o ver desfrutar do relato e testemunhar como a sua satisfação recuava alguns anos, até ao tempo em que era ele quem guerreava ao lado do seu amigo Lúcio Fedro, o meu pai. Quando cobravam vidas inimigas e enchiam Roma de glória.

A armadilha

Capri, 31 d. C.

— Alto! Pare aí! — O eco da voz da sentinela retumbou estrondosamente no cimo rochoso do monte Tibério.

O homem corpulento e coxo deteve-se de súbito. Percorrera toda a via que ostentava o mesmo nome do imperador, desde o centro de Capri, para depois subir, com enorme esforço, os mais de duzentos degraus íngremes até ao cume.

— Venho ver Tibério! — gritou, ofegante.

— Identifique-se! — ordenou o pretoriano.

— Chamo-me Palas e sou enviado por Antónia, cunhada do imperador e mãe do general Germânico, com uma mensagem muito importante para ele.

A luz do entardecer começava a roçar as águas tranquilas da baía de Nápoles. Em breve, aquela paisagem imponente e agreste que rodeava a cidade formaria, com as sombras, silhuetas inquietantes de gigantes e fantasmas.

No meio dessa atmosfera crepuscular, o guarda conduziu o exausto mensageiro até à ala oriental do palácio de Villa Jovis, como era conhecido o gigantesco complexo residencial que Tibério mandara construir sobre a grande falésia da ilha de Capri. O imperador refugiara-se ali até ao fim dos seus dias, dominado por um medo atroz de ser assassinado.

Preferia o isolamento daquela bela ilha italiana ao esplendor da Roma imperial.

Palas aguardou a chegada do imperador na antecâmara. Os vários dias de viagem desde Roma tinham-no deixado exausto. Mas recebera ordens para entregar a mensagem o mais rapidamente possível. Antónia não tivera outro remédio senão recorrer a ele, o seu hábil e fiel liberto, para servir de mensageiro, dada a férrea vigilância de Sejano, prefeito do Pretório, que ia adquirindo cada vez mais poder. Todos sabiam que a sua rede de espionagem intercetava a correspondência.

Tibério entrou na sala acompanhado de Macro.

— *Ave!* — saudou Palas o imperador, mal o viu surgir no limiar do salão de receções.

— Pode saber-se o que quer agora Antónia? — perguntou Tibério, já mais do que habituado ao constante mexerico da cunhada.

— Tome, meu senhor — Palas estendeu-lhe um díptico de madeira encerada. Antónia escrevera nele, com um estilete, um texto em ambas as faces.

À medida que lia, a expressão do imperador tornava-se sombria. Passeava de um lado para o outro, cabisbaixo, com ar entristecido, sobre o valioso mármore de pórfiro do chão. Palas e Macro seguiam-no com o olhar, expectantes. A mensagem parecia longa. Tibério, de elevada estatura e corpo robusto e maciço, detinha-se por vezes para erguer os olhos do díptico e revelar as pupilas dilatadas dos seus olhos negros ao ler algum parágrafo que, sem dúvida, lhe desagradava.

O imperador segurava o díptico com a mão esquerda, mais desenvolvida e ágil do que a direita. Macro recordava com clareza como, com esse mesmo polegar, Tibério conseguira atravessar uma maçã ou ferir um jovem com um simples piparote.

Por fim, quando acabou de ler, passou a mão pelos longos cabelos que lhe caíam pelas costas, cobrindo-lhe o pescoço, e ergueu a cabeça, mostrando a tez pálida.

— A viúva do meu irmão Druso é a mulher mais bela de Roma, mas, acima de tudo, é a mais intuitiva e astuta de todas — exclamou ele, orgulhoso.

— Não o entendo, senhor — interveio Macro, desconcertado.

— Antónia acaba de confirmar aquilo que temo há muito tempo — murmurou Tibério, gravemente.

Sem acrescentar palavra, fez sinal a Palas para que se retirasse. Uma vez a sós, César não conseguiu conter a fúria.

— Porco traidor! — exclamou, fora de si.

— Quem, senhor?

— Lúcio Élio Sejano. Só um cretino como ele poderia pensar em proclamar-se imperador enquanto eu ainda estou vivo!

Macro hesitou por um instante, mas decidiu falar.

— Perdoe-me a intromissão, senhor, mas isso é um segredo que todos sabem: alguns dos seus adúladores já começaram a virar-lhe as costas.

— Esmagarei viva essa barata! — disse, torcendo com força contra o chão a sua sandália de couro presa por quatro correias vermelhas.

— Não será fácil, senhor — insistiu Macro com cautela. — Sejano conta com o apoio de todas as suas coortes e dispõe de uma vasta rede de partidários na cidade, entre libertos, *equites*, plebeus e senadores.

Tibério caminhava pela sala como um leão enjaulado. Dava voltas à cabeça em busca de uma solução para travar a iminente traição de Sejano. A quem enviar? A resposta estava diante dos seus olhos.

— Vou dizer-te o que faremos — declarou por fim. — Irás a Roma com uma carta minha para o Senado e dirás a Sejano

que nela lhe concedo as mais altas honras do Império, entre elas o poder tribunício.

Macro precisou de alguns instantes para assimilar a proposta que Tibério acabava de lhe fazer.

— E julga que ele acreditará nisso? — perguntou, tentando manter um tom natural.

— Cairá na armadilha, disso te garanto. E agora vem a melhor parte: enquanto Sejano se dirige ao Senado, convencido de que vai assistir à sua própria glorificação, tu correrás ao acampamento dos pretorianos e mostrar-lhes-ás outra carta minha, destituindo-o do cargo de prefeito e nomeando-te a ti para o substituir.

— Não precisava, senhor. — Macro tentou disfarçar a ambição.

— O meu desejo é lei.

— Obrigado, César. Mas acredita realmente que as coortes que agora o apoiam passarão para o meu lado?

— Quererás antes dizer se passarão para o meu, porque sou eu quem dá as ordens em Roma.

— Era isso que pretendia dizer, senhor, perdoe a minha torpeza.

Tibério, mais sereno, levou a mão à boca, pensativo.

— O risco existe — admitiu —, mas confio que a minha autoridade prevalecerá no fim. Além disso, estou certo de que a soma de cem mil sestércios de bronze amolecerá o coração de todos esses pretorianos, não te parece?

— Sem dúvida, senhor; e até a décima parte dessa quantia bastaria — assentiu Macro com um esgar cínico.

Tibério acabava de pronunciar a sentença de morte de Sejano, abrindo assim caminho para que Macro ascendesse ao comando do Pretório.

Roma não paga a traidores

Roma, 31 d. C.

Tibério concedera a Macro poder absoluto. Sabia que ele o utilizaria com sabedoria e, mal chegou, cumpriu todas as ordens de César à risca. Entretanto, eu tornara-me o seu homem de confiança.

Macro não tardou a agir: convenceu as coortes pretorianas a jurarem fidelidade ao imperador e ao seu novo prefeito. Sejano, confiante, assistiu no Senado à leitura da extensa carta de Tibério, na qual este começava por elogiá-lo para depois o criticar e, finalmente, o acusar de alta traição. Poucas vezes como então se justificou tanto a célebre frase do procônsul Quinto Servílio Cepião, cunhada dois séculos antes: «Roma não paga a traidores.»

A epístola de César terminava com a ordem imediata de prisão. Após um momento de hesitação, os senadores consentiram em deter Sejano, ao saberem que a guarda pretoriana se colocara do lado do seu rival, Macro.

Assim, nesse mesmo dia, Sejano foi julgado e condenado à morte. O seu cadáver, reduzido a pedaços, foi arrastado durante três dias pelas ruas de Roma, para escarmento de traidores como ele. Tão minucioso foi o esquartejamento do corpo que o carrasco não encontrou um único pedaço suficientemente

grande para o expor nas Gemónias, também conhecidas como as «Escadas do Luto», um lugar de execução situado no centro da cidade.

Mas a vingança fria de Tibério não terminou aí. Era indispensável que a linhagem sucessória de Sejano fosse exterminada da face da Terra.

Essa seria uma das minhas primeiras missões ao serviço de Macro, como parte de uma das centúrias do imperador: dirigir-me à residência de Sejano e tratar da sua família. O nosso centurião, Cecílio, até então fiel a Sejano, não teve o menor escrúpulo em mudar de lado e jurar lealdade ao novo prefeito, desde que mantivesse o soldo e o estatuto. Além disso, ambicionava alcançar o posto de *primus pilus*, um cargo prestigiado e bem remunerado.

Cecílio era um homem de tamanho descomunal, gorduroso e desajeitado, de olhos pequenos e maliciosos que observavam com desdém todos os que se aproximavam dele. Bebia desmedidamente e fazia-se sempre acompanhar por meninas, adolescentes e efebos. Bastava olhar para ele para sentir vontade de lhe fazer mal. Tratava os soldados com extrema crueldade. Em mais de uma ocasião, algum jovem morrera após um dos seus treinos. Desde que o vi pela primeira vez, soube que era um ser desprezível. Ele apercebeu-se da minha antipatia, mas não reagiu. Fitava-me com um ar lascivo, como se aguardasse o momento oportuno para me atacar. Além disso, sabia do favor que Macro, o grande prefeito de Tibério, me concedia.

Seis dias após a execução de Sejano, fomos juntos à casa do falecido e executámos sem piedade o seu primogénito, Estrabão, e o irmão deste, Capito Eliano. A mais nova, Junila, de onze anos, seria encarcerada. Segundo o Direito Romano, as virgens não podiam ser executadas. A pobre criança perguntava com

ingenuidade para onde a levavam. O seu único crime era ser filha do pai que tivera. Os seus olhos imploravam clemência.

Quando me preparava para pegá-la ao colo e levá-la para a prisão, Cecílio ordenou-me que procurasse Apicata, a mãe. Algo me despertou desconfiança ao vê-lo dirigir-se para o interior da divisão onde deixáramos a pequena, mas obedeci-lhe.

A maldição de Tibério caiu assim sobre toda a família, incluindo a esposa e mãe. Entrei no hipocausto e encontrei-a ali, a flutuar na banheira, com a água tingida de sangue a jorrar-lhe dos braços. Apicata, ao tomar conhecimento da morte dos filhos e do destino da filha pequena, suicidara-se.

Saí imediatamente à procura de ajuda para retirar dali o cadáver. Foi então que ouvi um grito agudo e dilacerante vindo de um dos aposentos. Sem dúvida, era Junila. Corri para ver o que se passava. Tínhamos ordens rigorosas, e a criança não podia escapar.

Ao entrar, a cena incendiou-me por dentro, embora mentisse se dissesse que me surpreendeu. Montado sobre o pequeno corpo da menina, Cecílio balançava-se para a frente e para trás. De ambos os lados da sua cintura, os pezinhos inertes da criança moviam-se sem tensão nem resistência. Aproximei-me um pouco mais. O rosto dela estava inchado e sangrava pelo nariz, pela boca e pelos ouvidos. Encontrava-se inconsciente. O selvagem destroçara-a. Não fora um impulso nem um ato involuntário.

Calculei os meus movimentos, a distância; aproximei-me até, em silêncio, ficar a menos de um palmo das costas de Cecílio. Peguei no meu *pugio* e, num movimento rápido, agarrei-lhe a testa com a mão esquerda, puxei-lhe a cabeça para trás e, com a direita, cortei-lhe o pescoço com um golpe limpo. O seu corpo gordo e seboso tombou pesadamente no chão.

Tentei salvar Junila, mas o seu pescoço ebúrneo tinha marcadas as garras daquela fera, que a estrangulara como quem torce um lenço de seda. Peguei nela ao colo e sacudi-a; não reagiu. Aquele selvagem acabara com ela.

Nesse momento, entraram mais dois soldados, que se detiveram ao ver a cena: Cecílio morto no chão, o punhal ensanguentado ainda na minha mão e o corpo de Junila nos meus braços. Não teria forma de me defender das acusações. Matar um oficial era punido com a morte; violar uma virgem, também. Eu sabia-o, e eles sabiam-no. Prenderam-me imediatamente para me levarem detido.

Contudo, naquele instante, a única coisa que me doía era não ter conseguido salvar a menina. Ignorava então que aquela morte pesaria sobre a minha consciência durante o resto da vida.

A prisão

Roma, 31 d. C.

A atmosfera era densa, e a humidade escorria pelas paredes de pedra da prisão. O carcereiro, um homem robusto de olhar cruel, conduziu Macro pelo corredor até uma das celas do fundo. Os seus passos ecoavam pelo passadiço, e a túnica branca, imaculada, parecia evitar o contacto com o chão. O cheiro a podridão penetrava todos os recantos e misturava-se com os lamentos e os arquejos abafados dos infelizes que cumpriam pena naquele antro remoto e imundo.

O guarda segurava uma tocha na mão, cuja chama iluminava alguns dos rostos à medida que passavam. Quando chegou à cela que procurava, a minha, projetou a luz sobre o meu corpo miserável, acorado a um canto, coberto de farrapos e sujidade. Uma cabeleira longa e emaranhada ocultava-me o rosto. A minha respiração era quase impercetível.

O carcereiro entrou e desferiu-me um pontapé.

— Acorda, seu lixo! — rosnou sem piedade. — Tens uma visita.

Não consegui evitar um estremecimento ou um gemido abafado. As correntes que me prendiam rangeram em resposta aos meus movimentos quando tentei erguer-me. Ao virar-me, a luz da tocha incidiu sobre o meu rosto macilento e pálido.

Tive de desviar o olhar, encandeado pela claridade. Revelaram-se então os meus olhos encovados, a expressão extenuada e a barba crescida. O olhar, outrora orgulhoso, estava agora vazio, submisso. Várias semanas na prisão deixam marcas em qualquer homem.

Macro observava a cena com uma mistura de repulsa e compaixão. A sua voz, fria mas firme, rompeu o silêncio:

— Deixa-nos sós.

O carcereiro anuiu e retirou-se. Fechou a porta, mas não à chave. Eu não teria conseguido fugir, mesmo que o desejasse.

Macro aproximou-se lentamente.

— Lúcio — disse-me com ternura e desespero. — Meu filho, estou aqui.

Tentei falar, mas sentia-me confuso. Não sabia se aquilo era um sonho ou se, na verdade, já tinha morrido. Macro acariciou-me o cabelo emaranhado e a barba.

— Calma, já passou, já passou — tentou tranquilizar-me o meu pai adotivo.

Depois levantou-se e bateu nas grades. O guarda apareceu de imediato.

— Tire-lhe as correntes — ordenou com voz firme. — E deem-lhe um banho e comida quente.

O funcionário reagiu, incrédulo. Quem seria aquele desgraçado que vigiara durante as últimas semanas? Devia tratar-se de alguém importante para que o próprio prefeito do imperador viesse visitá-lo.

Antes de sair, Macro lançou-lhe um olhar ameaçador. O carcereiro percebeu que aquele olhar era um aviso. Se algo me acontecesse, ele seria o principal responsável.

Missão Columba

Quartel-general da guarda pretoriana, 31 d. C.

Demorei vários dias a recuperar. Voltei a ganhar forças, alimentei-me bem e tornei-me praticamente o mesmo homem de antes do meu desventurado encarceramento. Apesar de Macro ser o segundo homem mais influente de Roma, era também alguém que prezava as aparências, equilibrado e justo à sua maneira. Assim, tive de cumprir intermináveis semanas de prisão, mas escapei à pena de morte por assassinar a sangue-frio um oficial de Roma.

Regressei à guarda pretoriana, embora já não como soldado, a patente que tinha anteriormente. Para minha surpresa, passei a integrar o corpo dos *speculatores*, um grupo especial dentro dos pretorianos encarregado de missões de inteligência. A ordem viera diretamente de Macro, e não ousei contrariá-lo. Tirara-me da prisão e devolvera-me a vida. Faria tudo o que me ordenasse.

Sempre que precisava de confiar-me algo importante, Macro costumava convocar-me para o seu gabinete na moderna construção fortificada onde se abrigava o acampamento pretoriano. Mas, quando se tratava de um assunto mais íntimo e familiar, reuníamo-nos noutro lugar muito mais tranquilo e propício a confidências, como era, sem dúvida, a residência imperial que

Tibério colocara à disposição do prefeito do Pretório depois de se retirar para Capri.

Ironias do destino: fora Sejano quem promovera a construção de toda aquela enorme cidadela militar, onde as coortes pretorianas se agrupavam em casernas junto à Muralha Serviana que protegia Roma. Antigamente, os cidadãos acolhiam de má vontade os soldados em suas casas, até que Sejano, com o beneplácito de Tibério, reuniu naquele novo local, fora da metrópole, entre as vias Nomentana e Collatina, muito perto do perímetro muralhado, todas as coortes dispersas durante o reinado de Augusto. Concentrar assim as forças pretorianas de Roma num único acampamento reforçava a pressão que Sejano podia exercer conforme lhe convinha, além de lhe granjear agradecimentos e lealdades perante um hipotético golpe de Estado.

— Entra, Lúcio — indicou-me Macro naquela manhã chuvosa que enlameara as principais artérias do acampamento.

Pelo seu rosto sorridente e acabado de barbear, percebi o entusiasmo pelo que estava prestes a contar-me.

— Fica-te bem — observou, satisfeito, apontando para a minha barba. — Dá-te um ar feroz.

— Habituei-me a ela e agora sentir-me-ia nu se a fizesse — respondi, acariciando o cabelo e a cabeleira.

Comentários triviais como aqueles precediam sempre os assuntos importantes, e a conversa prolongava-se mais do que o habitual. Isso significava que a informação que me iria transmitir era transcendental. Macro e eu conhecíamos-nos bem, como pai e filho adotivo, e eu receava, por isso, que a qualquer momento ele me arremessasse o seu *pilum* verbal sob a forma de alguma missão comprometida, arriscada ou até desagradável.

— Chamei-te para uma missão secreta — declarou por fim.

— Já o suspeitava — confirmei. Eis a razão da minha entrada nos *speculatores*. — Está bem, diz-me.

— Viajarás para a Galileia — afirmou sem rodeios. — Recebi informações acerca de uma possível revolta. Há um agitador, um revolucionário, que está a causar grandes problemas aos membros do Sinédrio judaico.

— Esse homem é assim tão perigoso que as nossas tropas de lá não conseguem tratar dele? — Senti curiosidade, embora a missão me parecesse estranha. A presença romana naquelas terras era considerável, e tinham autoridade para agir sem prestar contas a ninguém.

— Ao que parece, tornou-se também uma ameaça para Roma — afirmou Macro. — As autoridades judaicas já estavam suscetíveis às pregações desse tal Batista. E agora este profeta revolucionário lidera uma sedição que ameaça a estabilidade das nossas províncias da Judeia, Samaria e Galileia. Insiste em dizer que o sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado. Os judeus pedem a intervenção das autoridades romanas. É por isso que esta missão é tão importante. Tibério está muito preocupado e pediu-me que enviasse o melhor espião do Império.

— E esse espião sou eu?

— Perspicaz dedução.

— *Quid pro quo?*

— Exatamente, Lúcio: a tua liberdade em troca da missão.

— E porquê um espião? — perguntei, intrigado.

— Os males têm de ser cortados pela raiz, conhecer-lhes a origem e travá-los a partir de dentro — afirmou com convicção. — A tua missão será infiltrares-te no grupo de seguidores desse revolucionário e dissolvê-lo.

— Achas realmente que alguém como eu, habituado à guerra, será capaz de se introduzir entre os partidários desse impostor?

— Eu e Tibério temos a certeza disso.

— Explica-me como...

— Deixa-me dizer-te primeiro que me agrada muito que encares isto como uma proposta, e não como uma ordem.

— Tenho porventura alternativa?

Macro sorriu, divertido.

— Embarcarás como clandestino num navio que partirá em breve rumo a Cesareia Marítima.

Abriu a gaveta da mesa e retirou um medalhão de latão com uma pomba gravada ao centro.

— Que objeto é esse? — perguntei, atónito.

— Dar-te-á o álibi de que precisas. Esse grupo utiliza este símbolo para se identificar entre si.

— Vá lá, pai, achas mesmo que alguém será assim tão ingénuo ao ponto de acreditar que um tribuno do Pretório é um seguidor confesso desse profeta?

— Ainda não terminei.

Macro era mestre na arte do desconcerto e divertia-se a semear intriga para me manter em suspenso. Já Caio Albúcio Silão poderia desejar seduzir o auditório com a sua retórica, ou Plauto e Terêncio cativar os leitores com os seus enredos amorosos, como Macro sabia fazer comigo. Não exagero. Presentia que estava prestes a dizer-me algo desagradável, e desta vez também não me enganei.

— Quando o teu navio atracar no porto de Cesareia Marítima, serás detido e entregue à justiça em Jerusalém.

Abanei a cabeça, atordado.

— Detido...? Julgado...? Mas que estás tu a dizer?! — exclamei.

— Embarcar clandestinamente num barco é punido pelas leis. E, para que ninguém suspeite, serás açoitado na praça pública.

Pela expressão do meu espanto, Macro percebeu de imediato o terramoto interior que me abalava. Permaneci em silêncio durante um instante, na esperança vã de que não estivesse a falar a sério, mas depressa me devolveu à crua realidade com o tom conciliador que reservava sempre para as situações difíceis e comprometidas.

— Lúcio, compreendo que te custe aceitar isto, mas acredita em mim: eu e Tibério estamos convencidos de que não existe plano melhor e de que o executarás na perfeição.

Podia ter poupado a gentileza. Afinal, eu era obrigado a obedecer, se não quisesse morrer decapitado depois de regressar àquela prisão imunda.

— Está bem — acrescentei, resignado. — Ao que parece, não tenho outra saída.

— Prestarás um serviço inestimável a Roma e a César. Esse revolucionário e falso profeta começa a causar-nos sérios problemas. Herodes Antipas informou-nos acerca de algumas loucuras cometidas por esse agitador de massas.

— Loucuras...? Que loucuras?

— O tetrarca está indignado porque dizem que esse homem curou o filho de um funcionário da sua corte chamado Cusa. Ao saber que o sujeito chegara a Caná da Galileia, o intendente foi procurá-lo para lhe implorar que salvasse o filho.

— Diz-me apenas que o ressuscitou... — Deixei escapar uma risadinha.

— E há mais... «milagres». A tua missão é ires até lá e desmascarares esse *praestigiator*.

— Que disparate.

— Mas o grave não é que o seja; o grave é que a fama desse charlatão a quem chamam «mestre» já se espalhou por toda a região ribeirinha.

Suspirei, resignado.

— E posso saber o nome desse revolucionário ou também é segredo? — perguntei, já mentalizado para a dureza da missão.

— Faz-se chamar Jesus de Nazaré.

**Todos conhecem o poder do seu nome.
Poucos se aproximaram do seu lado mais humano.
Trágica e gloriosa, uma história que vai além da fé.**

Século I. Condenado por um crime de sangue, o oficial romano Lúcio Fedro tem a perigosa missão de seguir os passos de um homem de quem toda a gente fala, mas sobre quem pouco se sabe: Jesus de Nazaré.

Não há recanto do Império onde o seu nome não seja ouvido. Uns dizem que é um revolucionário; outros, um simples profeta; ele afirma ser «o filho de Deus». O que é certo é que esse homem está a desafiar o poder de Roma. Lúcio terá de desvendar os mistérios que rodeiam a sua figura, ao mesmo tempo que enfrenta as sombras do seu próprio passado.

Com um admirável trabalho documental, José María Zavala, um dos maiores especialistas na figura de Jesus de Nazaré, recria as suas vivências nestas páginas. Uma ficção histórica que entrelaça um enredo ousado com os episódios mais desconhecidos da vida do Messias. Um romance ambicioso sobre a personagem mais apaixonante de todos os tempos.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

Instagram Facebook YouTube Twitter penguinlivros

ISBN: 978-989-596-320-1



9 789895 963201